

O Fogo Eterno

Santo Agostinho

CAPÍTULO 38

O fogo eterno, que atormenta
os maus, não é um mal

E eis que nem sequer o próprio fogo eterno, que atormentará os réprobos, é em si uma natureza má, porque também tem o seu modo, a sua espécie e a sua ordem, e não foi corrompido por nenhuma iniquidade. Mas o tormento é um mal para os condenados, que o mereceram pelos seus pecados. A própria luz atormenta os que têm olhos enfermos, sem todavia ser uma natureza má.

CAPÍTULO 39

Diz-se que o fogo é eterno não porque o seja
como Deus, mas porque não tem fim

O fogo é eterno, mas não do mesmo modo como o é Deus; pois, conquanto não acabe nunca, teve porém princípio, e Deus não o teve. Além do mais, a sua natureza está sujeita a mudança, apesar de ter sido destinado a servir de castigo perpétuo para os pecadores. A verdadeira eternidade é a verdadeira imortalidade, ou seja, a suprema imutabilidade, que é atributo exclusivo de Deus, o qual é absolutamente imutável.

Uma coisa é não mudar, apesar da possibilidade de mudança, e outra, muito diferente, é não poder mudar. Diz-se, assim, que um homem é bom, conquanto não com a bondade de Deus, de Quem se disse: “Ninguém é bom senão Deus só” [Mar. X, 18]; e diz-se que a nossa alma é imortal, mas não como o é Deus, de Quem se disse: “É o único que possui a imortalidade” [1 Tim. VI, 16]; e diz-se que o homem é sábio, mas não como o é Deus, de Quem se disse: “A Deus, que é só o sábio” [Rom. XVI, 27] – e também se diz que o fogo do inferno é eterno, mas não como o é Deus, cuja imortalidade é a verdadeira eternidade.

Fonte: *A Natureza do Bem*, Santo Agostinho, Sétimo Selo.